

Gente de PALAVRA

revista nº 32

Sidnei Schneider



o poeta
que achou
umbigo
em lago

Adolar Marin Anderson Feliciano Arthur Antônio Auber Fioravante Júnior Bernadete Sáidelles
Carlos Leser Claire Feliz Regina Cláudio Roberto de Pinho Denivaldo Piaia Felipe Magnus
Flávio Machado Geraldo Trombin Jacqueline Oliveira da Conceição / Ôbá Negraline Julio B.
Lucas Scandura Lucian Araujo Luís Cláudio Delvan M Isis Magda Duarte Mauricio Goldani Lima
Michelle C. Buss Michelle Franzini Zanin Nathália Dumit Nijair Araújo Pinto Pâmela Melo
Paulo Rodrigo Ohar Rafael Braga Raphael Dias Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri
Roberto Kepler Rodrigo Piloto Moreti Ronaldo Henrique Barbosa Junior Sidnei Schneider

Sidnei Schneider

“Umbigo do lago:
lua.”

Esse foi o primeiro poema de Sidnei Schneider que conheci. O ano era 2007, o poeta era um dos organizadores do festival “Porto Poesia” e “Umbigo do lago” designava também o blog por ele assinado.

À medida que fomos nos conhecendo, foi-se revelando um artista múltiplo: poeta, contista, ensaísta e tradutor de poemas com incursões pelo teatro, interatividade com as artes visuais e uma erudição acima da média que, se por um lado, transparece em sua obra, por outro, não é a tônica principal – os poemas de Sidnei não têm pedantismo e, ainda que demonstrem seu conhecimento, não exigem do leitor a mesma formação.

Intelectual atuante no panorama cultural do sul do país, Sidnei está sempre presente no universo das letras. Por seu labor constante e de múltiplas facetas, sempre focado na literatura e no trabalho com o texto, Sidnei Schneider é Gente de Palavra.

RMM

De como lidar com rio

Represar um rio é impossível.
O rio insulta a barragem.

Se sustém uma folha calma de lago,
amplia suas pernas de Heráclito.

Veloz, recortará efigies das escarpas
e nas curvas fará ondas de mar.

Mas se segue da nascente à foz,
na outra margem é que está a flor.

Não é pisando em peixes
que conseguiremos atravessá-lo.

Largo, pinguela nele não cabe,
ponte não nos dará conhecê-lo.

Não seria sábio auscultar
o diário vaivém dos pássaros?

Com os braços dar forma
ao nosso sonho de asas?

De dentro domá-lo para sempre
com um simples remo?

Sidnei Schneider
in: *Quichiligangues.*
Porto Alegre, Dahmer, 2008.



VERSOsubVERSO

poetas não respondem
à necessidade capitalista
de produção

poetas respondem
à necessidade humanista
de emoção

poetas são
subversivos
transformam língua em lâmina
e ferem de morte o sentido

poetas são
corruptores
pegam pequenas palavras
e as obrigam a dizer muito

poetas
são loucos

por sorte
são poucos

Renato de Mattos Motta

Em busca

Me embriago
em busca
de anjos.
E morro toda noite
numa velha
esquina,
num novo bar.

Lucian Araujo
lucianvieiradearaujo@hotmail.com



Par ou ímpar

Entendi e estendi, estirei, estiquei
minha palma descoberta ante a vida
vazia de areia, cheia de dedos.

Mas no arco reflexo íris
a vida pôs seu preto punho
como dissesse: pedra.

(Ao que a palma retrucasse: papel
e devorava.)

Soubesse que jogava, teria dado,
menos por aplauso, mais por estrago
a outra palma.

Contra a vida pedi – e perdi – par.

Rodrigo Piloto Moreti



Indecência noturna

Você queria
que eu fosse
só sua

Mas sente
ciúmes
da lua

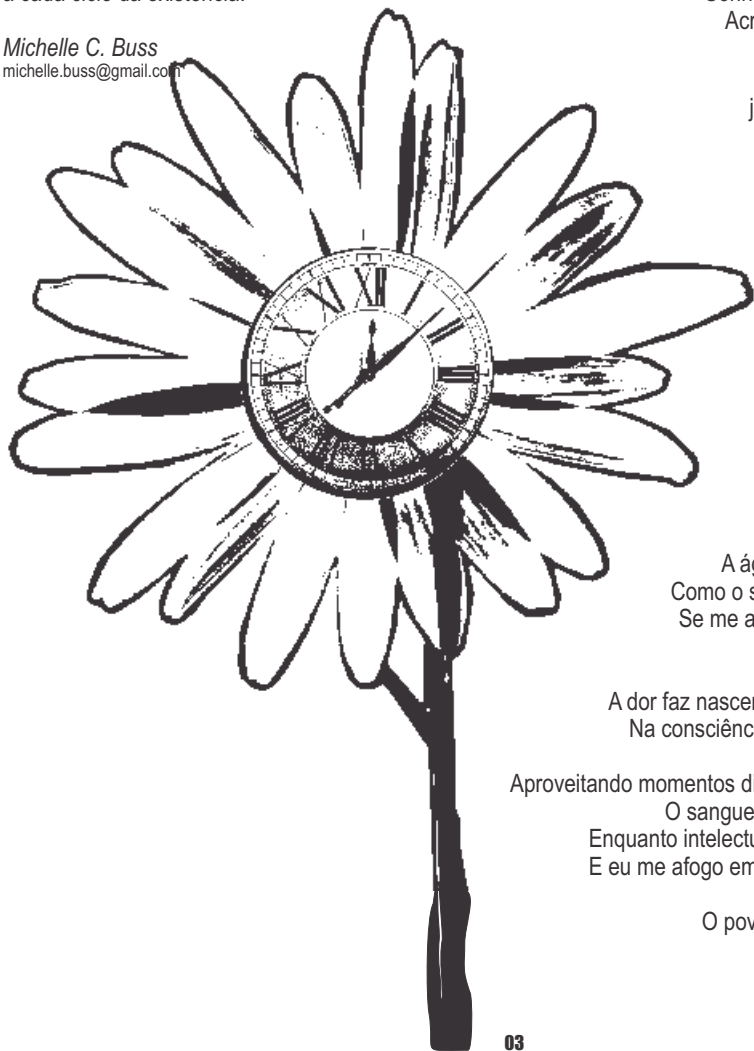
Que toda noite
vem me ver
banhar nua.

Pâmela Melo
<https://m.facebook.com/pamela.freiremelo>

Transitória

A vida é uma rosa que o tempo despeta.
Prefiro comer caqui fora de época
enquanto soa o sino antigo em um haicai.
Minha casa é um templo de mutações
ornada por lírios,
nadeshikos e violetas.
Uma casa fora das horas
porque o I Ching me contou,
um dia enquanto me confundia a poemas,
que a mesma rosa que o tempo despeta
não morre, mas renasce
na lua nova de maio
a cada ciclo da existência.

Michelle C. Buss
michelle.buss@gmail.com



Projeto de artista

Sou um cineasta sem filme
Um projeto de artista
Componho sem ser músico
E rimo sem ser poeta
Só pinto mesmo o set
Não sou ator, mas represento
Vivo na corda bamba sem ser equilibrista
Apanho sem ser palhaço
E não sou bailarino mas danço, e como danço

Respiro arte, por isso vivo ligado a aparelhos
Sonho acordado, por isso tropeço
Acredito, por isso sigo tentando

Se viver é uma arte,
já tenho minha principal obra

Lucas Scandura
scandura.wix.com/lucas

Arte

A água é turva e não tem saber,
Como o sangue, sem qualquer culpa.
Se me atiro ao rio e tudo me abraça,
Manca poesia,
Sentimento, nada.
A dor faz nascer ramos de frutos vermelhos,
Na consciência de alguém, cheira a amor,
Na inconstância, suicídio,
Aproveitando momentos diferentes da mesma estrada.
O sangue vai formar as minhas raízes
Enquanto intelectuais me rotulam como artista
E eu me afogo em amor pelo porco comido no
Último jantar
O povo admira meus cortes vistos
De dentro.

Rafael Braga
rafabraga90@gmail.com

Somos talvez borboletas
Suaves asas discretas
De vidas breves e ausentes
Passamos por teus olhos
Cheias de cores
Sem amores
Sem projetos ou objetos
Só somos
Nascemos e morremos
Para dar luz e cores
Para sonhares
Para versares versos
Sem sentido
Para sentires
A vida é breve
A beleza é eterna
E borboletas voam
Só voam...

Luís Cláudio Delvan
delvan@cpovo.net

EUEVOCÊ

Eu :
Eu só
Eu só eu
Eu só eu sou
Eu só eu sou você
Eu só eu sou você é
Eu só eu sou você é só
Eu só eu sou você é só eu
Eu só eu sou você é só eu só
Eu só eu sou você é só eu só você
Eu só eu sou você é só eu só você
Eu só eu sou você é só eu só
Eu só eu sou você é só eu
Eu só eu sou você é
Eu só eu sou você
Eu só eu sou
Eu só eu
Eu só
Eu

Adolar Marin
adolamarin@uol.com.br

Primeiro contato

primeiro contato:
não tua mão
na minha;

a minha na
parede.

a tua mão
sente a parede
na minha.

Roberto KeppleR
rkepler@osite.com.br



No mesmo barco

(Dedicado especialmente a RMM e MGH, que me iniciaram na poesia, e também aos demais amigos que lutam junto comigo, nas mais diferentes esferas. Gracias por la amistad!)

amigos, estamos no mesmo barco
deixem suas armas aí no marco
deixem o escudo e a espada
eu sei que a cruzada não é fraca
por isso mesmo, preparem a risada
aquela que nos traz o desejo da vida
pois para alargar nossas feridas
avenidas abertas por baixo da casaca
já existem inteiras manadas

amigos, estamos no mesmo barco
lutamos juntos com os mesmos arcos
sabemos de quem, a flecha que nos ataca
a resistência se faz unido, camarada!
quando o ritmo de produção é suicida
quando um engravatado direitos trucida
quando só quem rouba realmente se destaca
nos curamos e aprendemos nossa caminhada.

Felipe Magnus
felipemagnus.com

Quarto dos signos

num quarto
enxame de palavras errantes
escapam
quarto de Babel
no rádio embutido
canção soturna
lá de fora
escutam-se gemidos noturnos
óleo jogado
no chão
no travesseiro cabelos
em rebelião
sono desalento
vou pro banheiro
banho de banheira
no escuro
pensamentos submersos

Paulo Rodrigo Ohar

Pó

quem irá dançar
as melodias dos músicos mortos
cujas partituras viraram poeira?

quem irá cantar
suas letras compostas
em língua morta?

são notas enterradas pelo tempo,
história sem registro,
passado sem memória.

Raphael Dias
raphaelsalcedo@gmail.com



Embarcação

Ontem partiam da África;
arrancando do seu seio
aos milhares
a mão de obra
que construiria o
novo mundo.
Hoje, aos milhares,
nafragam em
embarcações
clandestinas,
em busca
de uma nova vida
no velho mundo.

:
As portas estão sempre
cerradas,
como estão
todos os olhos.

M Isis

Padrão cultural

A: – Nove vezes oito?

B: – É...

A: – Vou facilitar pra você... Oito vezes nove?

B: – Setenta e quatro? Risos.

(Eles estão sendo filmados).

A: – Quantos centímetros tem um metro?

C: – É...

A: – Quantos dias tem um ano bissexto?

C: – Tomei todas hoje, bicho! Risos.

(Eles estão sendo filmados).

A: – O que você faz?

B: – Sou famosa.

[Já fui capa de revista, não lembra?

A: – É você o que faz?

C: – Sou famoso, rapaz!

A: – Sou o anônimo...

Nijair Araújo Pinto



Promessa

Essa madrugada, todas as mulheres
[que escrevi voltaram pra me sufocar.
Apertavam suas entranhas envenenadas
[no meu rosto e gritavam como selvagens.

Parece que o amor bêbado
[que jurei a elas não vingou;
Pelo contrário, secou e,
[algumas das vezes, nem nasceu.

Acontece que elas sonharam
[com cheiro de rosas num campo vazio;
Que elas iriam caminhar e não prenderiam
[seus vestidos em nenhum espinho,
Mas só os poetas entendem que o amor
[é úlcera em forma de flor:
É bonita de se ver, mas, sangra,
[cospe preto e jorra pus.

Arthur Antônio



O grito

I

Ouço longe
O grito silencioso
Que dou ontem

II

Ecoou longe
O grito silencioso
Que darei agora

III

Rasura a natureza morta
Pendurada nos escombros da memória
O grito silencioso
Que dei amanhã

Anderson Feliciano
afsilva2@yahoo.com.br

Andropausa

os cabelos roubaram
a cor da porcelana

o fôlego
não é mais de iogue
nem de maratonista

vez ou outra
esqueço das palavras
e dos rostos de outrora

amigos se despediram
e tornaram-se habitantes
de outras dimensões

no entanto prossigo
na alquimia de verter
verbo em verso

provisoriamente

Ricardo Mainieri

Libertação

Sentado no carro,
o poema na mão,
o horizonte nos olhos,
a alma na imensidão,
pensei num verso,
numa palavra,
peguei letras,
misturei a pontuações,
acentos
e
vivi.

Quando acabei,
ali
estava
um pedaço de mim:
minha consciência
esculpida em letras
finitas
para dizer ao poema
que a vida não
tem
versos,
mas linhas
e espaços.

*Ronaldo Henrique
Barbosa Junior*
rhbj10@hotmail.com



Catarse

Toda boca que você beijou,
foi apenas um treino.
Todos os corpos que você despiu e visitou,
estavam preparando você para mim.

Posso conviver com essas memórias e suas histórias.
São como caixas de mudança
num fim de corredor.
Como uma porta entreaberta para a luz passar
e a gente não tropeçar.

Foi um longo caminho?
Demorou muito para me achar?
Bom, você está aqui agora.
Seja bem vindo,
de volta.

Nathália Dumit



Barqueiro

Longe, muito longe
mastros e velas,
à deriva da nuvem
cobrindo a luz da lua nova,
mesmo que nova, da lua.

Tinteiro vazio,
importa?
Havia linha à poesia,
escreveu a pena
costurando o papel.

Auber Fioravante Júnior
auberjunior1962@gmail.com

Dilema

Meus olhos só se abriram para vida
quando eu te vi, querida.
Você estava linda, entrando na minha sala
e eu fiquei te olhando, paralisado,
não podia fazer mais nada, já estava apaixonado.

Você também me olhava e sorria.
Parece que já sabia
que eu seria o seu grande amor.

Mas eu era comprometido,
nosso amor era impossível,
era um amor proibido.

Agora tenho que resolver este dilema:

Ouvir, da igreja, o mandamento
e manter meu casamento,
ou ouvir o meu coração que diz:
Você tem que amar, você tem que ser feliz.

Claire Feliz Regina

Brincadeira

Eliana
vai à feira
comprar bananas
tomates
abacaxi



Eliana
leva bolsa
notas coloridas
pesa
mede



Eliana vai à feira
saber o preço
da
liberdade.

Flávio Machado

Paixões e amores

Amor se difere de paixão
Não causa dor ou dormência
Faz nascer a força necessária para superar o que virá
Paixões são dizeres
Cartas escritas
Amor não se resume a belas grafias
É composto por gestos
Paixão é eventualidade
Amor é rotina
São antônimos
Embora se confundam com metáforas
Realismo exemplifica paixão
Romantismo exalta o amor
Paixões viram amor
Amores viram paixões
Quero sentir intimidade
Sem impulsos
Não quero algo momentâneo
Almejo durabilidade
Companheirismo
Não quero viver à mercê
De marcas deixadas por paixões passadas
Sou uma donzela à moda antiga
Que se encanta com paixões
Enquanto esquadrinha o amor.



Michelle Franzini Zanin
micheldefzanin@gmail.com

A Folha Solta

Não tenho pressa,
não tenho horas,
vivo fora da gaiola
que ganhei com a vida.

Meu ritmo é arritmado,
não tenho me demarcado
e há muitos anos que não há anos
em que passo.

Seguro o relógio
na palma da mão
como se fosse uma página
de um livro estranho
que nunca quis ler,
embora já soubesse
o que lá estava escrito,
pois o tempo foi-me dado
antes mesmo de eu nascer.

Não tenho nome,
não tenho o que ter,
vivo o vento
com seu movimento,
sou a folha solta
sem saber por quê.

Magda Duarte
magdaduartejf21@gmail.com

Sangria Desatada

Eu envelheci muito cedo
de tanta pressa de viver.
E boa parte foi de medo
do fim chegar e eu nada ter.

Eu corri com o meu enredo
pros clímaxes logo eu colher.
E não fiz da pressa segredo,
deixei tudo transparecer:

a angústia em meu coração
e todo o afã do meu querer.
Tão cedo eu fui um ancião

e não restou nada pra ser.
Depois de tanta afobação,
preciso rejuvenescer.

Julio B.

Adeus

Adeus amigos que não conheci
lugares que não andei
lembranças que esqueci
aromas que não apreciei

Adeus conquistas que nem vi
momentos que eu pisei
dores que eu revi
liberdade que não busquei

Adeus ao corpo que amei
com uma alma aprendiz
coisas que não suporrei
caminhos que eu refiz

Adeus alma pecadora
mas disposta a aprender
a vida foi professora
difícil foi compreender

Bernadete Sáidelles

Por ser livre

Ela olha o mar,
abismos de distância
sobre as ondas que se quebram.
Ela, ilha a estar
em sismos, em ânsias,
sobressaltos que se isolam.
Ela que sonha,
que chora devagar
a solidude que a invade todo o dia.
Ela que traça mapas,
mas desistiu de caminhar
e amiúde se desfaz em ventania.

Carlos Leser
cfleser@uol.com.br



Expectativa

pelo corpo todo
ouriçada

cada pelo do corpo
levanta-se
para
ver
o que vai acontecer

curiosidade
excitada

Mauricio Goldani Lima
mauriciogoldani@yahoo.com.br



Cisco

Saudade é vento que toca
o rosto, assim, de repente:
vem, levanta o pó e coloca
um cisco no olho da gente!

Geraldo Trombin
Americana - SP
gtrombin@terra.com.br

Gostando do gosto

De soslaio
eu esguio
abarcando a ventania...
sorvendo a nuvem
e bordando o arco
na íris dos olhos

No talho da faca
no corte da fruta
cravando os dentes
na polpa e no sumo
fazendo a festa
na rede e na sesta
dulcificando os sentidos...



Aí sim!

Coisa boa
é namorar na lagoa
uma mulher à toa.

Denivaldo Piaia
dmdj@terra.com.br

Linhas vivescritas

Tenho papel e lápis em mãos
Um mundo de possibilidades escritas
Nas veias edificadoras do mundo.

Durmo sonhos de menina e
Acordo nas realidades de gente grande.

Viajo pelos espaços nativos de minha mente
Conheço lugares, sentires, prazeres e sabores.
Anseio sentimentos de vida
Construídos por abraços fraternos.

Descubro-me preta,
Mulher
Menina
Mãe
Útero que gera e dá vida
Cabaça que fertiliza o nascer do mundo.

Tenho papel e lápis em mãos
Um mundo de possibilidades escritas
No fluxo dos rios de mãe.

Tenho cenas vivescritas
Nas linhas que mapeiam a vida de minhas negras mãos.

Jacqueline Oliveira da Conceição/ Ôbá Negraline
obaseguede@gmail.com





Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
Revisão: Michelle Hernandez
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca e Erivoneide Barros
Conselheira especial para Língua Espanhola: Lota Moncada

Porto Alegre, maio de 2015.